

Avessos

Na minúscula varanda lateral
de mármore branco equilibrado
há um sol em planos,
visto, apenas, em copas douradas,
cartas, folhas e árvores.

Esconderijo justo,
que parte mar abstrato
atrás dos vidros empoeirados
das janelas gradeadas
por arabescos cansados
do previsto ritmo.

E era só um sentido,
em face observada,
um quadro turquesa,
bem ventilado.

Ao revelar silêncios literários
com café em xícara mole,
surge inesperado
aroma de framboesas
na velha lata de goiabada.

Mas era só uma vista,
uma diagonal amanteigada,
não se pode esquecer,
da janela lateral
da casa que pula por cima
do outro prédio que flutua
sobre uma rua solta.

Então,
era avenida decidida
correndo, descalça,
pra varanda antiga,
atrás do vidro,
atrás da porta,
atrás do mundo.

E era branca
a parede de papel
que segurava o horizonte
em um pequeno livro.

E o poema?

Esse ficou por aqui, interrompido,
pela quina do prédio vizinho,
na curva que contorna um abrigo,
na manhã que finda etérea,
em vidro espumante, sol amarelo
e mar de rosa líquida.

E o velho sofá apenas continua,
de frente pra enseada brusca,
que vem chegando à revelia.

E como se dão bem as letras
que escrevem pelo tempo
os avessos do vazio.